

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
O FILME DA ESCOLA: A ESTC NO CORAÇÃO DO CINEMA PORTUGUÊS
1 DE JULHO, 2023

SESSÃO DE ABERTURA DO CICLO

O APARTAMENTO / 1996

Realização e argumento: João Milagre, João Tuna, Leonardo Simões, Luís Fonseca, Rui Poças, Tiago Beja da Costa, Vítor Joaquim, Vítor Nobre/ **Fotografia:** João Tuna, Leonardo Simões, Rui Poças, Tiago Beja da Costa, Vítor Nobre/ **Engenheiro de Som:** Vítor Joaquim, Vasco Pedroso / **Decoração:** Georges Le Calvé/ **Guarda Roupas:** Georges Le Calvé/ **Interpretação:** Alda Castro, Carlos Aurélio, Carlos Pimenta, Carlos Rodrigues, Carmo Serqueira, Helen Munro, Isabel Ruth, João Reis, José Manuel Mendes, José Neves, Luís Santos, Maya Booth, Rita Loureiro, e a participação especial de Fernando Lopes (o cego).

Produção: Produções OFF-Rosi Burguete/ **Coprodução:** RTP / **Cópia:** 35mm, colorida, falada em português / **Duração:** 13 minutos / **Estreia:** Centro Cultural de Belém, 27 de junho de 1996

PARABÉNS! / 1997

Realização, argumento e direção de fotografia: João Pedro Rodrigues / **Som:** Nuno Carvalho e Miguel Sotto Mayor / **Misturas:** Joaquim Pinto / **Pós-produção de som:** Pedro Caldas / **Montagem:** Vítor Alves e João Pedro Rodrigues / **Interpretação:** João Rui Guerra da Mata (Francisco), Eduardo Sobral (João), gato (Sonic).

Produção: Rosa Filmes, com apoio do IPACA e da RTP / **Produtor:** Amândio Coroadó / **Chefe de produção:** Paula Oliveira / **Cópia:** 35mm, colorida, falada em português / **Duração:** 15 minutos / **Estreia:** Festival de Veneza, 4 de setembro de 1997 (em competição na secção Corto Cortissimo) / Estreia nacional: Cinemateca Portuguesa – Lisboa, integrado no 1º Festival de Cinema Gay e Lésbico de Lisboa, 25 de setembro de 1997

Nota: filmado originalmente em MiniDV o filme circulou na cópia de película 35mm produzida a partir da filmagem de um ecrã. Para esta sessão preferiu-se apresentar o filme em Betcam SP.

INVENTÁRIO DE NATAL / 2000

Realização e argumento: Miguel Gomes / **Direção de fotografia:** Rui Poças / **Som:** Luís Botelho / **Misturas:** Branko Neskov / **Montagem:** Manuel Mozos / **Assistente de realização:** Bruno Lourenço, Francisco Ferreira / **Decoração:** Patrícia Portela, Rui Vieira / **Guarda-roupas:** Susana Lopes / **Interpretação:** Alberto Seixas Santos, Catarina Grácio Encarnação, Diogo Baptista, Inês Baptista, Isabel Quadros, Joana Grácio, João Nicolau, Joana Sã, Luís Tavares, Manuel Mozos, Maria Joana Grácio, Mariana Ricardo, Marta Tavares, Miguel Tavares, Miguel Sotero, Miguel Mozos, Miguel Encarnação, Paulo Encarnação, Pedro Caldas, Rita Sã, Zé Pedro Mozos, Maria Antonieta Ribeiro.

Produção: O Som e a Fúria (Sandro Aguilar, João Figueiras), com a participação financeira do ICAM / **Coprodução:** RTP / **Chefe de produção:** Joana Ferreira / **Produção executiva:** Nuno

Milagre / **Cópia:** 35mm, colorida, falada em português / **Duração:** 23 minutos / Estreia: Cinema King, 13 de dezembro de 2000 (antestreia)

ARENA / 2009

Realização, argumento e montagem: João Salaviza / **Consultor de argumento:** Ricardo Oliveira / **Direção de fotografia:** Vasco Viana / **Operador de steadycam:** Leandro Silva / **Som:** Inês Clemente / **Operador de som:** Pedro Sabino / **Montagem e misturas de som:** Nuno Carvalho / **Direção artística:** Nádia Henriques / **Assistente de decoração:** Maria Ribeiro / **Maquilhagem:** Abigail Machado / **Decoração:** Maria Ribeiro / **Interpretação:** Carloto Cotta (Mauro), Rodrigo Madeira (Alemão), Rafael Sardo, Cláudio Rosa, Barbosa, André Feldman (voz).

Produção: Maria João Mayer, François d'Artemare (Filmes do Tejo II), com a participação financeira do Instituto do Cinema e do Audiovisual e da RTP / **Chefe de produção:** João Ribeiro 'Pato' / **Cópia:** 35mm, colorida, falada em português / **Duração:** 16 minutos / **Estreia:** Festival IndieLisboa, 26 de abril de 2009

Com a presença de Luís Fonseca, Diretor do Departamento de Cinema da Escola Superior de teatro e Cinema.

Para a abertura do ciclo “O Filme da Escola: a ESTC no Coração do Cinema Português” procurou-se destacar um conjunto de títulos, todos no formato da curta-metragem e todos primeiras obras realizadas após a passagem pela Escola de Cinema. No fundo, procurou-se começar pelo fim, pelo pós-escola, pelo depois, pelo “edifício cinema”. Daí que a estrutura da sessão seja a de um prédio acabado (neste caso de quatro andares), cada piso com o seu domicílio, com os seus mui característicos inquilinos ou idiossincráticos proprietários – como todo o Cinema Português. Um país de cinema que se vai construindo sobre a sua própria herança, patamar a patamar, ano a ano, turma a turma.

Se este ciclo pretende refletir sobre os métodos pedagógicos da ESTC ao longo dos últimos cinquenta anos, sobre um entendimento do cinema que ali se veiculou, sobre as referências dos professores e alunos e sobre as condições e soluções de produção que a Escola ofereceu, importa igualmente salientar a importância da Escola na entrada na profissão. Esta sessão apresenta duas possibilidades: uma, o aparecimento de um produtor (neste caso, produtoras, Rosi Burguete e Maria João Mayer) que apostaram em jovens cineastas acabados de se formar; a outra possibilidade, a constituição de novas empresas produtoras fundadas por ex-alunos na sequência da passagem pela escola (é, aqui, o caso da Rosa Filmes e da O Som e a Fúria).

É certo que embora alguns dos realizadores aqui presentes tenham concluído filmes durante o seu percurso escolar (Luís Fonseca assinou **O Pomar**, a exhibir no dia 27 de julho; João Pedro Rodrigues realizou **O Pastor**, programado para o dia 19 de julho; e João Salaviza fez **Duas Pessoas**, que será projetado no dia 18 de julho), outros só se afirmariam enquanto realizadores posteriormente (penso em Miguel Gomes, que seguiu a vertente de produção durante a sua passagem pela ESTC), e vários seguiriam carreiras em áreas técnicas (João Milagre na produção e Leonardo Simões e Rui Poças na direção de fotografia). No entanto, olhando para as fichas técnicas dos filmes hoje apresentados, torna-se muito clara a influência da Escola nos modos de trabalho e nas formas colaborativas de criar. Cada um destes filmes revela, a partir dos vários cargos técnicos, uma turma ou um conjunto de turmas contíguas no tempo, inaugurando-se aqui parcerias criativas que se prolongariam ao longo das carreiras dos respetivos cineastas, técnicos e produtores (por exemplo, a relação entre João Salaviza e o diretor de fotografia Vasco

Viana ou a diretora de arte Nádía Henriques; a colaboração entre Miguel Gomes e Rui Poças ou o colega produtor Sandro Aguilar; ou entre João Pedro Rodrigues e o produtor Amândio Coroadó).

Se algum propósito outro existe para este ciclo, além da celebração do cinquentenário da ESTC, ele traduz-se na vontade de, a partir dos filmes, procurar tornar clara a malha geracional que se produz a partir da Escola. As ligações, as colaborações, as parcerias, as sintonias, as associações, cooperativas e produtoras que resultam diretamente da convivência de três ou quatro anos que uma escola artística – em particular a Escola Superior de Teatro e Cinema – provoca nos seus alunos. Relação que não se manifesta apenas através de contextos de trabalho, mas que se revela igualmente através de uma mesma filiação estética, de um semelhante ponto de vista sobre o mundo ou de uma aproximação política. A partir dos quatro filmes desta sessão, e dos mais de 130 títulos que compõem o restante ciclo, pretende-se sinalizar cada um desses territórios de afinidade cinéfila, delineando-se o início esfumado de uma nova geração e o fim da anterior.

Ricardo Vieira Lisboa

O APARTAMENTO

Exibido em vários festivais e já com uma passagem pelo circuito comercial, **O Apartamento** é um exemplo da experiência a que Rosi Burguete lançou mãos na área da curta-metragem para “testar” e dar uma oportunidade à gente nova da Escola de Cinema. Pode-se gostar mais ou menos da experiência, consoante o filme, mas não se pode negar o interesse da iniciativa que entre nós assume uma certa originalidade. **O Apartamento** é um dos seus frutos mais curiosos. Não sendo dos melhores é, porém, o mais divertido, revelando algumas ideias, embora um pouco desconexas, no que se refere à comédia dita “à portuguesa”. Porque se manifestam aqui sinais mais sugestivos de uma “actualização” do meio e dos extractos sociais que ela abordava e a que se dirigiu, actualização que terá a ver com o olhar jovem dos seus autores, libertos dos muitos complexos que os “clássicos” escondiam, quer narrativos, quer sociais. Aquele apartamento, com as sucessivas visitas de interessados em alugá-lo, representa já uma actualização rudimentar, na estrutura social e económica, do microcosmo apresentado em filmes como **O Pátio das Cantigas**, **Os Vizinhos do Rés do Chão** ou as comédias bairristas de Arthur Duarte. Rudimentar, disse, e convém sublinhá-lo, mas denotando a possibilidade de um desenvolvimento posterior mais atento e profundo.

Manuel Cintra Ferreira

PARABÉNS!

Foi com **Parabéns!** que João Pedro Rodrigues se deu a conhecer. Depois d’**O Fantasma**, de **Odete**, de **Morrer como um Homem**, como ver hoje este pequeno filme? Evitemos a tradicional metáfora do “cartão de visita”: o que **Parabéns!** é é um prefácio, um preâmbulo. Construído como uma longa sequência, em absoluta unidade de espaço e de tempo, e todo alimentado por uma energia em estado bruto, torrencial (à imagem da “hiperactividade” da personagem de Eduardo Sobral), de que lhe interessa apenas assinalar as possibilidades de refinamento (certos movimentos de câmara, o jogo com o fora de campo na cena da cozinha) sem queimar a espontaneidade, **Parabéns!** não “contém” toda a obra subsequente de João Pedro Rodrigues mas nem a trai nem é traído por ela. Digamos que a anuncia, quase como um manifesto ou uma declaração de intenções. A coreografia (bailados, rituais de acasalamento), a “fiscalidade” (quer

dizer: o “físico” dos actores como algo de onde nasce qualquer coisa) e o seu reforço, a “animalística” (o miúdo-gato rima fortemente com **O Fantasma**); e, se a expressão faz sentido assim, o imaginário sexual: o cinema de João Pedro Rodrigues nasce num *trompe l’oeuil* digno de Lubitsch, naquele momento em que a seguir ao telefonema da rapariga um braço de homem entra em campo pela margem direita do enquadramento. E nesse plano está tudo: o coreográfico, o físico, o gato, e o sexo.

Luís Miguel Oliveira

INVENTÁRIO DE NATAL

Inventário de Natal é um filme entregue às crianças: são elas que nos dirigem neste dia de Natal, contra a “indiferença” dos adultos, e é pela crença numa fábula, independentemente da fé que tenhamos ou não na sua história, que o cinema existe. Uma história de Natal, em espírito e imaginário, que se cruza, em todos os seus momentos, com a própria vida e espírito do cinema: é pelas suas músicas que celebramos a sua história e divindade, é pela fé e ilusão, nas suas imagens, que aspiramos a algo maior do que a vida. E que, mesmo em adultos, abdicamos de um espírito racional e científico para acreditarmos, também, na verdade dessa fábula e vivamos, com ela, no nosso quotidiano. Ao cruzar esse olhar documental sobre um dia de Natal, em família, e os bonitos *travellings* pelo presépio, Miguel Gomes fala-nos, assim, dessa permanente tensão entre a fábula e o documentário do (seu) cinema e da capacidade do nosso olhar, e seu desejo, em rever-se numa forma de expressão que, vindo dela, é maior do que a vida. Por outras palavras, no nascimento do cinema, esse belo milagre, através do dia em que nasceu o menino Jesus, guiados pelo olhar puro e inocente da infância.

Francisco Valente

ARENA

Se a chegada de João Salaviza ao cinema português foi desde cedo marcante — **Arena** recebeu a Palma de Ouro no Festival de Cannes, enquanto que a também curta metragem **Rafa** (2012) foi premiada com o Urso de Ouro do Festival de Berlim —, é importante, também, referir de que modo as *imagens* do seu cinema, para além dos prémios, vieram a marcar o nosso panorama. [...] As personagens de Salaviza parecem andar aos círculos, de facto, dentro desses largos espaços, como se fossem sempre livres nos seus passos mas nunca conseguissem sair, na verdade, desses mesmos sítios. E é aí que se encontra, por fim, a modernidade do jovem realizador, a mesma que soube ver, por exemplo, em cineastas como o iraniano Abbas Kiarostami, que “aterra” numa realidade, “escolhe” pessoas verdadeiras dos lugares onde filma (actores não-profissionais), e cerca-as com a sua câmara, seguindo e interessando-se pelas reacções que elas têm quando colocadas numa determinada situação: a construção de uma história de ficção. É esse encontro entre realidade e ficção, entre passado e presente, entre a planificação de um filme, com todas as necessidades de produção e artísticas que isso implica (e o trabalho de imagem de Vasco Viana, em particular, é dos mais belos que se veio a conhecer em todo o cinema português), e o desejo, por outro lado, em querer seguir, na improvisação, o movimento natural desses corpos, das suas linguagens, e dos seus modos de vida, que faz, do cinema de João Salaviza, um encontro privilegiado, no panorama nacional, entre o classicismo e a modernidade que a linguagem cinematográfica construiu até aos dias de hoje.

Francisco Valente